

A designer Luciane está realizando um sonho de infância: cursar medicina



“Numa sociedade altamente tecnológica e sujeita a mudanças, a mulher que se propõe a acompanhar e mesmo revolucionar sua trajetória tem que buscar novos conhecimentos e, portanto, estar o tempo todo se reciclando.

Sobre a essência do etarismo, termo que se refere a preconceito, intolerância e discriminação contra pessoas com base na sua idade, e altamente sofrido por mulheres, Silvia destrincha. “Aqui, encontramos a ambivalência estrutural. Embora a tecnologia tenha trazido novas oportunidades de se reciclar e de se reinventar, também traz no seu bojo a ideia de que o antigo, aquele que veio antes, não pode ser atualizado e, portanto, o etarismo é um grande desafio a ser superado, quebrando paradigmas já cristalizados no inconsciente coletivo. Logo, esse movimento de mudança radical exigirá um esforço muito maior para as mulheres maduras.”

Muiramomi também reflete que há mudanças recentes em relação à valorização de histórias de sucesso de mulheres após os 30 anos. “Antigamente, a mulher a partir dos 40, 50 anos estava na rota final da aposentadoria, e muitas já tinham passado pelo período de sobrevivência para criar e educar os filhos e pagar as contas da família”, recorda. “Porém, a mudança na idade mínima e no tempo de contribuição para aposentadoria tem mudado essa dinâmica”, detalha.

Atrás do sonho

Aos 48 anos, a designer de interiores Luciane de Oliveira decidiu realizar um antigo e desafiador sonho de infância: estudar medicina. “Sempre cuidei de pessoas. Aos 17 anos, fiz o vestibular, mas não tinha uma base sólida e não passei. Guardei esse sonho, fui trabalhar e estudar em outras áreas”, conta.

Anos depois, enquanto se dedicava ao trabalho de designer e aos cuidados com a família, o desejo de cursar medicina voltou a ganhar força. “Soube de alguém que estava cursando medicina e tinha um filho com uma doença rara. Vi pessoas passando por situações muito mais

MUBI/Reprodução



No filme *A Substância*, a solução para os problemas da personagem Elizabeth é criar uma versão mais jovem de si mesma

complicadas que a minha e, ainda assim, correndo atrás de seus sonhos”, relembra. Foi nesse momento que Luciane se deu conta de que também poderia transformar o seu sonho em realidade.

Assim, mesmo com as responsabilidades e os compromissos do dia a dia, ela deu início ao curso em 2020. “Meu marido sempre me apoiou em tudo. Fizemos as contas, nos organizamos, e vimos que aquele era o momento certo”, diz Luciane. Para ela, cursar medicina após os 40 anos exige disciplina, comprometimento e perseverança. “Meus maiores desafios são conciliar família, trabalho e estudos. Tenho que encontrar tempo para estudar, fazer plantões, cuidar da casa, do filho, da mãe e da loja”, enumera. “Infelizmente, o dia só tem 24 horas”, brinca.

Apesar disso, Luciane acredita que sua maturidade e experiência de vida só trazem benefícios para a nova profissão. “Hoje, consigo priorizar e me colocar no lugar do próximo. Aprendi a delegar mais, a ser menos exigente com os outros e comigo mesma”, reflete. Perto de concluir o curso, ela planeja seguir cuidando das pessoas após a formatura.

“Não tenho pretensão de fazer nome nem de ganhar dinheiro. Só quero fazer o que sempre sonhei. Encontrei meu lugar no mundo”, declara. Para ela, cada desafio da jornada vale a pena. “O tempo vai passar de qualquer jeito. Daqui a seis anos, você pode estar lamentando que é tarde para começar algo ou indo para a sua formatura”, conclui.

***Estagiárias sob a supervisão de Sibeles Negromonte**